

LEIGH
BARDUGO

NONA
CASA

Tradução
Marina Della Valle

 Planeta

minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Leigh Bardugo, 2019
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2020
Todos os direitos reservados.
Título original: *Ninth House*

Preparação: Fernanda Cosenza
Revisão: Andréa Bruno e Luiza Del Monaco
Diagramação: Marcela Badolatto
Capa: Keith Hayes
Imagens de capa: Graphic Compressor / Shutterstock

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Bardugo, Leigh
Nona casa / Leigh Bardugo ; tradução de Marina Della Valle. -- São Paulo : Planeta,
2020.
432 p.

ISBN 978-85-422-1911-1
Título original: Ninth House

1. Ficção norte-americana I. Título II. Valle, Marina Della

20-2481

CDD 813.6

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana

2020
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

UNIVERSIDADE YALE

NEW HAVEN, CT



- 1 CRÂNIO E OSSOS
- 2 LIVRO E SERPENTE
- 3 CHAVE E PERGAMINHO
- 4 MANUSCRITO
- 5 CABEÇA DE LOBO
- 6 BERZELIUS
- 7 SANTELMO
- 8 GAIOLA
- 9 IL BASTONE

- 10 HALL SHEFFIELD-STERLING-STRATHCONA
- 11 HALL ROSENFELD
- 12 FACULDADE DE SILVICULTURA
- 13 BIBLIOTECA BEINECKE
- 14 COMMONS
- 15 HALL VANDERBILT
- 16 HALL LINSLEY-CHITTENDEN

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.



- 17 TORRE HARKNESS
- 18 CASA DO PRESIDENTE
- 19 DRAMAT
- 20 RESIDÊNCIA JONATHAN EDWARDS
- 21 RESIDÊNCIA GRACE HOPPER
- 22 RESIDÊNCIA DAVENPORT
- 23 GINÁSIO PAYNE WHITNEY
- 24 CEMITÉRIO DA RUA GROVE
- 25 BIBLIOTECA STERLING
- 26 FACULDADE DE DIREITO DE YALE

- 27 BIBLIOTECA DA FACULDADE DE DIREITO
- 28 PISTA DE PATINAÇÃO INGALLS
- 29 CLUBE ELIHU
- 30 CLUBE ELIZABETHAN
- 31 MUSEU PEABODY DE HISTÓRIA NATURAL
- 32 LOCAL DA MORTE DE TARA

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

1

Inverno

Alex cruzou apressada o plano largo e estranho da praça Beinecke, as botas batendo sobre as placas de concreto limpo. O cubo gigante da coleção de livros raros parecia flutuar sobre o andar de baixo. Durante o dia, os painéis brilhavam em uma cor âmbar, uma colmeia dourada, que mais parecia templo que biblioteca. À noite, parecia uma tumba. Aquela parte do campus não se encaixava bem no resto de Yale – nada de pedra cinza ou arcos góticos, nem de pequenas aflorações rebeldes em prédios de tijolo vermelho, que Darlington informara não serem de fato coloniais, mas projetados para darem essa impressão. Ele tinha explicado as razões pelas quais a Biblioteca Beinecke fora construída, o modo como deveria espelhar e se encaixar naquele canto da arquitetura do campus, mas para ela ainda parecia um cenário de ficção científica dos anos 1970, como se os estudantes devessem estar vestindo macacões colados e túnicas muito curtas, bebendo algo chamado Extrato, alimentando-se de pílulas. Até a grande escultura de metal que ela agora sabia ser de Alexander Calder lembrava-lhe uma grande luminária de lava em negativo.

— É Calder — murmurou entre os dentes. Era assim que as pessoas ali falavam sobre arte. Nada era *de* ninguém. A escultura é Calder. A pintura é Rothko. A casa é Neutra.

E Alex estava atrasada. Tinha começado a noite com boas intenções, determinada a avançar no ensaio sobre o romance moderno britânico e sair com tempo de sobra para chegar à prognosticação. Mas pegara no sono em uma das salas de leitura da Biblioteca Sterling, segurando frouxamente uma cópia de *Nostromo*, com os pés apoiados no cano da calefação. Acordou assustada às dez e meia, com saliva escorrendo pela bochecha. Solto um “Merda!” assustado que soou como um tiro no silêncio da biblioteca. Enfiou o rosto no cachecol, enquanto colocava a bolsa no ombro, e se mandou dali.

Então cortou caminho pelo refeitório Commons, sob a rotunda em que os nomes dos mortos de guerra tinham sido entalhados

profundamente no mármore e figuras de pedra guardavam vigília – Paz, Devoção, Memória e Coragem, que, vestindo pouco mais que um capacete e um escudo, sempre parecera a Alex mais uma *stripper* que uma enlutada. Ela desceu correndo os degraus e atravessou a interseção da College com a Grove.

O campus parecia mudar de aparência a cada hora e a cada quarteirão, de modo que Alex sempre sentia que o estava conhecendo pela primeira vez. Naquela noite era um sonâmbulo, respirando de modo profundo e uniforme. As pessoas com que cruzou a caminho do SSS pareciam presas em um sonho, os olhos suaves, os rostos voltados uns para os outros, fumaça saindo dos copos de café em suas mãos enluvadas. Ela tinha a estranha impressão de que eles sonhavam com ela, uma moça de casaco escuro que desapareceria quando acordassem.

O Hall Sheffield-Sterling-Strathcona também estava sonolento, as salas bem fechadas, corredores iluminados pela meia-luz da economia de energia. Alex subiu as escadas para o segundo andar e ouviu barulho ecoando de um dos auditórios. A Yale Social projetava filmes ali nas noites de quinta-feira. Mercy havia pregado a programação na porta do quarto delas, no dormitório, mas Alex não se dera ao trabalho de examiná-la. Suas quintas-feiras já estavam cheias.

Tripp Helmuth estava recostado na parede ao lado das portas do auditório. Ele cumprimentou Alex com pálpebras pesadas e um aceno de cabeça. Mesmo na penumbra, ela podia ver que os olhos dele estavam vermelhos. Sem dúvida havia fumado antes de ir para lá. Talvez fosse por isso que os Osseiros mais velhos o tivessem colocado para montar guarda. Ou talvez ele tivesse se oferecido.

— Está atrasada — ele disse. — Já começaram.

Alex o ignorou e olhou por cima do ombro para se certificar de que o corredor estava livre. Não devia explicações a Tripp Helmuth, e pareceria fraqueza oferecer-lhe uma. Pressionou com o dedão um entalhe que mal aparecia no painel de revestimento. A parede deveria se abrir suavemente, mas sempre emperrava. Deu-lhe uma ombrada com força e tropeçou quando ela se abriu com um tranco.

— Calma, campeã — falou Tripp.

Alex fechou a porta atrás de si e deslizou no escuro pela passagem estreita.

Infelizmente, Tripp estava certo. A prognosticação já tinha começado. Alex entrou na antiga sala de cirurgia do modo mais silencioso que conseguiu.

Era uma câmara sem janelas, espremida entre o auditório e uma sala de aula que os alunos da pós-graduação usavam para sessões de discussão. Era um resquício esquecido da velha Faculdade de Medicina, cujas aulas aconteciam ali no SSS antes da mudança para os prédios próprios. Os gerenciadores do fundo que financiava a Crânio e Ossos tinham selado a entrada da sala e disfarçado-a com novos painéis por volta de 1932. Fatos que Alex tinha tirado de *Lethe: um legado*, quando provavelmente deveria estar lendo *Nostromo*.

Ninguém reparou em Alex. Todos os olhos estavam voltados para o harúspice, o rosto magro atrás de uma máscara cirúrgica e a túnica azul-clara salpicada de sangue. As mãos com luvas de látex se moviam metodicamente pelos intestinos do... paciente? Cobaia? Sacrifício humano? Alex não tinha certeza de qual termo melhor se aplicava ao homem na mesa. Provavelmente não “sacrifício humano”. *Ele precisa sobreviver. E assegurar isso era parte do trabalho dela.* Alex o acompanharia em segurança durante seu suplício e de volta à ala hospitalar de onde fora tirado. *Mas e daqui a um ano?*, ela se perguntava. *E daqui a cinco anos?*

Alex olhou para o homem na mesa: Michael Reyes. Lera seu arquivo duas semanas antes, quando ele fora selecionado para o ritual. As abas de seu estômago estavam presas para trás com grampos de aço e seu abdômen parecia florescer como uma orquídea rosada e robusta, com o centro vermelho e vicejante. *Me diz que aquilo não deixa marcas.* Mas ela tinha o próprio futuro com que se preocupar. Reyes ia se virar.

Ela desviou o olhar, tentou respirar pelo nariz enquanto o estômago se revirava e uma saliva metálica inundava sua boca. Tinha visto muitos ferimentos graves, mas sempre em mortos. Havia algo muito pior em um fermento vivo, um corpo humano preso à vida apenas pelo bipe metálico e constante de um monitor. Ela tinha gengibre cristalizado no bolso para a náusea – uma das dicas de Darlington –, mas não conseguia tomar a iniciativa de pegá-lo e desembrulhá-lo.

Em vez disso, focou o olhar em uma distância média enquanto o harúspice declamava uma série de números e letras – símbolos de ações e preços de cotas de companhias com capital aberto na Bolsa de Valores

de Nova York. Mais tarde ele prosseguiria para Nasdaq, Euronext e os mercados asiáticos. Alex nem sequer tentou decifrá-los. As ordens para vender, comprar ou manter eram dadas no impenetrável holandês, língua do comércio, da primeira bolsa de valores, da velha Nova York, e idioma oficial dos Osseiros. Quando a Crânio e Ossos foi fundada, muitos estudantes sabiam grego e latim. Precisavam de algo mais obscuro para os negócios.

— Holandês é mais difícil de pronunciar — dissera-lhe Darlington. — Além disso, dá uma desculpa aos Osseiros para visitar Amsterdã. — Darlington, é claro, sabia latim, grego e holandês. Também falava francês, mandarim e arranhava um português. Alex tinha acabado de começar Espanhol II. Entre as aulas que tivera no ensino fundamental e a miscelânea de ditados ladinos da avó, pensou que seria um curso fácil. Não tinha contado com coisas como o subjuntivo. Mas sabia perguntar se Gloria gostaria de ir à discoteca amanhã à noite.

Uma explosão de tiros abafados chacoalhou a parede que dava para a exibição ao lado. O harúspice levantou o rosto da lambança rosa e escorregadia que era o intestino delgado de Reyes; sua irritação era aparente.

Scarface, percebeu Alex conforme a música aumentava e um coro de vozes barulhentas trovejava em uníssono: “Quer foder comigo? Certo. Quer jogar sujo?”. A audiência cantava como se fosse *Rocky Horror*. Ela deve ter visto *Scarface* umas cem vezes. Era um dos favoritos de Len. Ele era previsível assim, amava tudo que fosse *durão* – como se tivesse encomendado o kit completo de “Como ser um gângster”. Quando conheceram Hellie perto do calçadão da praia de Venice – seu cabelo dourado como uma cortina aberta para o espetáculo dos grandes olhos azuis –, Alex pensara imediatamente em Michelle Pfeiffer no vestido de cetim. Só faltava o feixe liso de franja. Mas Alex não queria pensar em Hellie naquela noite, não com o fedor de sangue no ar. Len e Hellie eram sua vida antiga. Não pertenciam a Yale. Se bem que, até aí, Alex também não.

Apesar das lembranças, ela ficou grata pelo barulho do filme cobrir os sons molhados do harúspice remexendo as entranhas de Michael Reyes. O que ele via ali? Darlington dissera que as prognosticações não eram diferentes de ler o futuro em um baralho de tarô ou um punhado de ossos de animais. Mas certamente parecia diferente. E soava mais

específico. *Você sente falta de alguém. Vai encontrar felicidade no ano novo.* Esse era o tipo de coisas que videntes diziam – vagas, reconfortantes.

Alex olhou para os Osseiros, de túnicas e capuzes, apinhados em torno do corpo na mesa. O Escriba da graduação anotava as predições que seriam passadas para os gerentes de fundos de cobertura e para os investidores privados em todo o mundo, de modo a manter os Osseiros e seus ex-alunos financeiramente seguros. Ex-presidentes, diplomatas, ao menos um diretor da CIA – todos eles Osseiros. Alex pensou em Tony Montana em sua banheira quente, discursando: “Sabe o que é capitalismo?”. Alex olhou para o corpo inclinado de Michael Reyes. *Tony, você não faz ideia.*

Ela vislumbrou um movimento nos bancos acima da arena de cirurgia. A sala tinha dois Cinzentos locais que sempre se sentavam nos mesmos lugares, separados por poucas fileiras: uma paciente com distúrbio mental que teve os ovários e o útero removidos em uma histerectomia em 1926, pela qual deveria ter recebido seis dólares se sobrevivesse ao procedimento; e um homem, um estudante de Medicina. Ele tinha congelado até a morte em um covil de ópio a milhares de quilômetros de distância, por volta de 1880, mas continuava retornando ao antigo assento para observar a vida lá embaixo. As prognosticações só ocorriam na arena quatro vezes ao ano, no começo de cada trimestre fiscal, mas isso parecia o suficiente para ele.

Darlington gostava de dizer que lidar com fantasmas era como andar de metrô: “Não faça contato visual. Não sorria. Não se envolva. Do contrário, nunca se sabe o que pode segui-lo até em casa”. Mais fácil falar que fazer quando a única outra coisa para olhar no cômodo era um homem brincando com as entranhas de outro homem como se fossem peças de majongue.

Ela se lembrou do choque de Darlington ao perceber que ela não só via fantasmas sem ajuda de nenhuma poção ou feitiço como também os via em cores. Ele ficara estranhamente furioso. E ela tinha gostado disso.

— Que tipo de cores? — ele perguntou, tirando os pés da mesa de centro, as botas negras e pesadas batendo no chão de tábuas do salão em Il Bastone.

— Apenas cores. Como uma polaroide velha. Por quê? O que você vê?

— Eles parecem cinzentos — ele explodiu. — Por isso são chamados Cinzentos.

Ela deu de ombros, sabendo que a indiferença deixaria Darlington ainda mais irritado.

— Não é nada de mais.

— Não para você — ele murmurou, e saiu batendo os pés. Passou o resto do dia na sala de treinamento, produzindo um suor mal-humorado.

Ela tinha se sentido convencida naquela hora, feliz por ver que nem tudo era fácil para ele. Mas agora, circulando o perímetro da sala de operações, checando as pequenas marcas de giz feitas nos pontos cardeais, ela se sentia apenas nervosa e despreparada. Era sua sensação desde que botara os pés no campus. Não, antes disso. Desde que o reitor Sandow sentara-se ao lado de seu leito de hospital, batera nas algemas dela com os dedos manchados de nicotina e dissera: “Estamos lhe oferecendo uma oportunidade”. Mas aquela era a velha Alex. A Alex de Hellie e Len. A Alex de Yale jamais usara algemas, jamais se envolvera em uma briga, jamais foderia um estranho no banheiro para pagar os agiotas do namorado. A Alex de Yale tinha dificuldades, mas não reclamava. Era uma boa menina tentando acompanhar o ritmo.

E fracassando. Ela deveria ter chegado ali mais cedo para observar as marcações dos sinais e garantir que o círculo estava seguro. Cinzentos velhos como aqueles que pairavam nos bancos acima não costumavam causar problemas, mesmo quando eram atraídos por sangue, mas prognosticações eram operações mágicas de grande proporção, e seu trabalho era verificar se os Osseiros estavam seguindo os procedimentos adequados, sendo cautelosos. Ela fingia, no entanto. Tinha passado a noite anterior estudando, tentando memorizar os símbolos corretos e as proporções de giz, carvão e osso. Fizera *cartões didáticos*, cacete, e se obrigara a estudá-los entre sessões de Joseph Conrad.

Alex achou que as marcas pareciam certas, mas entendia de símbolos de proteção quase tão bem quanto de romances modernos britânicos. Quando assistira à prognosticação do outono com Darlington, tinha realmente prestado atenção? Não. Estivera ocupada demais chupando gengibre cristalizado, zonzando com a estranheza de tudo aquilo, e rezando para não sofrer a humilhação de vomitar. Pensara que teria muito tempo para aprender sob a supervisão de Darlington. Mas ambos tinham se enganado quanto a isso.

— *Voorhoofd!* — disse o harúspice, e uma Osseira correu para a frente. Melinda? Miranda? Alex não conseguia lembrar o nome da ruiva, apenas que ela integrava um grupo de canto *a cappella* feminino chamado Arroubo e Ritmo. A garota enxugou a testa do harúspice com um pano branco e mesclou-se novamente ao grupo.

Alex tentou não olhar para o homem na mesa, mas seus olhos saltaram para o rosto dele de qualquer maneira. *Michael Reyes, quarenta e oito anos, diagnosticado esquizofrênico paranoide.* Será que Reyes se lembraria de alguma coisa quando acordasse? Quando tentasse contar a alguém, será que apenas o chamariam de louco? Alex sabia exatamente como era aquilo. *Poderia ser eu na mesa.*

— Para os Osseiros, quanto mais loucos, melhor — Darlington lhe dissera. — Aham que rende predições melhores.

Quando ela perguntou o motivo, ele apenas disse:

— Quanto mais louca a *victima*, mais próxima de Deus.

— Isso é verdade?

— “É apenas pelo mistério e pela loucura que a alma é revelada” — ele citou, dando de ombros. — Os extratos bancários dizem que sim.

— E estamos tranquilos com isso? — Alex perguntou a Darlington. — Pessoas sendo abertas para que Chauncey possa redecorar a casa de veraneio?

— Nunca conheci um Chauncey — ele disse. — Sigo na expectativa.

Então ele fez uma pausa, de pé no arsenal, o rosto sisudo.

— Nada vai impedir isso. Muitos poderosos contam com o que as sociedades são capazes de fazer. Antes da Lethe, ninguém ficava de olho. Então, você pode fazer seus protestos fúteis e perder a bolsa ou pode ficar aqui, realizar seu trabalho e fazer o máximo de bem que puder.

Mesmo naquele momento ela tinha imaginado se aquilo não era apenas uma parte da história, se o desejo de Darlington de saber *tudo* não o prendia à Lethe tanto quanto o senso de dever. Mas ficara quieta naquele dia e tinha a intenção de ficar quieta agora.

Michael Reyes fora encontrado em um dos leitos públicos do hospital Yale New Haven. Para o mundo externo, ele se parecia com qualquer outro paciente: um mendigo, o tipo que passava por alas psiquiátricas, salas de emergência e cadeias, tomando os remédios, depois deixando de tomar. Ele tinha um irmão em Nova Jersey listado como parente, que

assinara a permissão para o suposto procedimento de rotina para tratar cicatrizes intestinais.

Reyes era cuidado somente por uma enfermeira chamada Jean Gatdula, que trabalhara três turnos da noite seguidos. Ela não piscou nem criou confusão quando, pelo que parecia ser um erro de agendamento, foi alocada para mais duas noites na ala. Naquela semana seus colegas talvez tenham notado que ela sempre ia trabalhar com uma bolsa enorme. Nela estava alojada uma pequena caixa térmica na qual levava as refeições de Michael Reyes: um coração de pombo para clareza, raiz de gerânio e um prato de ervas amargas. Gatdula não tinha mais conhecimento quanto ao efeito das comidas ou o destino que aguardava Michael Reyes do que tinha quanto ao paradeiro de qualquer um dos pacientes “especiais” dos quais cuidava. Nem sequer sabia para quem trabalhava. Estava ciente apenas de que todo mês recebia um cheque muito necessário para compensar as dívidas de jogo contraídas pelo marido nas mesas de vinte-e-um do cassino Foxwoods.

Alex não sabia se era sua imaginação ou se realmente podia sentir o cheiro de salsinha moída espalhada pelas entranhas de Reyes, mas seu próprio estômago estremeceu de novo, dando um aviso. Estava desesperada por ar fresco, suando sob as camadas de roupas. A sala de cirurgia era mantida gelada, com saídas de ar separadas do resto do prédio, mas as grandes lâmpadas portáteis de halogênio que iluminavam os procedimentos ainda irradiavam calor.

Um gemido baixo soou. O olhar de Alex pulou para Michael Reyes, uma imagem terrível surgindo em sua mente: Reyes acordando e se vendo preso a uma mesa, cercado por figuras encapuzadas, as entranhas para fora. Mas os olhos dele estavam fechados, e o peito subia e descia num ritmo constante. O gemido continuou, agora mais alto. Talvez alguém mais estivesse enjoado? Mas nenhum dos Osseiros parecia perturbado. Seus rostos brilhavam como luas estudiosas na penumbra da sala, olhos treinados nos procedimentos.

Ainda assim o gemido crescia, um vento lento tomando corpo, revolvendo-se pelo cômodo e batendo nas paredes de madeira escura. *Sem contato visual*, Alex pensou consigo mesma. *Apenas veja se os Cinzentos...* Ela engoliu um grunhido de susto.

Os Cinzentos não estavam mais em seus assentos.

Eles se debruçavam no parapeito que cercava a sala de cirurgia, os dedos apertando a madeira, pescoços tensionados, os corpos se esticando para a beirada do círculo de giz, como animais que se esforçam para beber água na beirada de uma lagoa.

Não olhe. Era a voz de Darlington, o aviso dele. *Não olhe com muita atenção.* Era fácil para um Cinzento formar um laço, prender-se a você. E era ainda mais perigoso porque ela já conhecia as histórias daqueles dois. Estavam por ali havia tanto tempo que várias gerações de delegados da Lethe tinham documentado seus passados. Mas os nomes tinham sido excluídos de todos os documentos.

— Se você não sabe um nome — Darlington explicara —, não pode pensar nele, não fica tentada a dizê-lo.

Um nome era uma forma de intimidade.

Não olhe. Mas Darlington não estava ali.

A Cinzenta estava nua, os seios pequenos contraídos com o frio, provavelmente como estavam quando ela morreu. A mulher levou a mão até a ferida aberta em sua barriga, tocou a carne ali com afeto, como alguém que indica timidamente que está grávida. Não a tinham costurado. O rapaz — e era mesmo um rapaz, magrelo e de traços suaves — usava uma jaqueta verde-garrafa desleixada e calças manchadas. Os Cinzentos sempre apareciam do mesmo jeito que no momento da morte. Mas havia algo obsceno naqueles dois lado a lado, uma nua, outro vestido.

Cada músculo no corpo dos Cinzentos se estirava, os olhos arregalados e fixos, os lábios abertos. Os buracos negros de suas bocas eram cavernas, e delas se erguia aquele lamento sombrio, não um gemido de verdade, mas algo num tom baixo e inumano. Alex pensou no ninho de vespas que encontrara na garagem atrás do apartamento da mãe em Studio City certo verão, o zumbido irracional dos insetos num lugar escuro.

O harúspice seguiu recitando em holandês. Outro Osseiro levou um copo d'água aos lábios do Escriba enquanto ele continuava suas transcrições. O cheiro de sangue, ervas e merda pairava denso no ar.

Os Cinzentos arqueavam-se para a frente centímetro por centímetro, tremendo, os lábios distendidos, as bocas escancaradas agora, como se as mandíbulas tivessem se desarticulado. O cômodo todo parecia vibrar.

Mas apenas Alex podia vê-los.

Foi por isso que a Lethe a trouxera para cá, por isso que o reitor Sandow fizera de má vontade a oferta de ouro para uma garota algemada. Ainda assim, Alex olhou para os lados, esperando que alguém mais entendesse, que alguém oferecesse ajuda.

Ela deu um passo para trás, o coração disparado no peito. Cinzentos eram dóceis, vagos, especialmente os velhos como aqueles. Ao menos era o que Alex pensava. Seria essa uma das lições às quais Darlington ainda não tinha chegado?

Ela vasculhou o cérebro buscando os poucos encantamentos que Darlington lhe ensinara no semestre anterior, feitiços de proteção. Em último caso, podia dizer palavras de morte. Será que funcionariam em Cinzentos naquele estado? Devia ter colocado sal nos bolsos, caramelos para distraí-los, qualquer coisa. *É básico*, disse Darlington na cabeça dela. *Fácil de dominar*.

A madeira sob os dedos dos Cinzentos começou a envergar e estalar. Agora a moça ruiva do grupo *a cappella* olhava para cima, imaginando de onde vinha o barulho.

A madeira ia ceder. Os sinais deviam ter sido feitos incorretamente; o círculo de proteção não aguentaria. Alex olhou ao redor, para os Osseiros inúteis em suas túnicas ridículas. Se Darlington estivesse ali, ficaria para lutar, asseguraria que os Cinzentos fossem contidos e que Reyes ficasse em segurança.

As lâmpadas de halogênio oscilavam, ora fracas, ora fortes.

— Vá se foder, Darlington — murmurou Alex entre os dentes, já virando para correr.

Bum.

O cômodo balançou. Alex tropeçou. O harúspice e o resto dos Osseiros olharam para ela de cara feia.

Bum.

O som de uma coisa do outro mundo batendo. Uma coisa grande. Uma coisa que não poderiam permitir que passasse.

— Nosso Dante está bêbado? — murmurou o harúspice.

Bum.

Alex abriu a boca para gritar, para mandá-los correr antes que o que estivesse segurando aquela coisa cedesse de vez.

O gemido parou súbita e completamente, como se fechado em uma garrafa. O monitor soltou um bipe. As luzes zumbiram.

Os Cinzentos estavam de volta em seus assentos, ignorando um ao outro, ignorando-a.

Sob o casaco, a blusa molhada de Alex grudava em seu corpo, ensopada de suor. Podia sentir o cheiro do próprio medo, azedo e grosso na pele. As lâmpadas de halogênio ainda brilhavam quentes e brancas. O cômodo pulsava como um órgão infundido de sangue. Os Osseiros olhavam para ela. Na sala ao lado, os créditos estavam rolando.

Alex podia ver o ponto em que os Cinzentos apertaram o parapeito, lascas brancas de madeira esticadas como cabelo de milho.

— Desculpe — disse Alex. Ela se ajoelhou e vomitou no chão de pedra.

Quando finalmente costuraram Michael Reyes, eram quase três da manhã. O harúspice e a maior parte dos outros Osseiros tinham saído horas antes para se lavar do ritual e se preparar para uma festa que iria até bem depois do amanhecer.

O harúspice poderia voltar direto para Nova York no assento de couro creme de uma limusine ou poderia ficar para as festividades e escolher à vontade entre os graduandos dispostos: moças, rapazes ou ambos. Haviam dito a ela que “servir” ao harúspice era considerado uma honra, e Alex imaginou que, se a pessoa estivesse chapada e bêbada o suficiente, poderia até parecer que sim, mas certamente soava mais como cafetinagem e prostituição.

A ruiva – Miranda, por fim soube, “como em *A tempestade*” – ajudara Alex a limpar o vômito. Ela estava sendo genuinamente legal, e Alex quase se sentiu mal por não lembrar seu nome.

Reyes fora transportado para fora do prédio em uma maca, coberto de véus de ofuscação que o faziam parecer uma pilha de equipamentos audiovisuais sob um plástico protetor. Era a parte mais arriscada da noite no que dizia respeito à segurança da sociedade. A Crânio e Ossos não se distinguia de fato em nenhuma outra coisa além da prognosticação, e é claro que os membros da Manuscrito não tinham interesse em dividir suas ilusões com outra sociedade. A magia prendendo os véus de Reyes trepidava a cada solavanco, a maca entrando e saindo de foco, os bipes e

blipes do equipamento médico e o ventilador ainda audíveis. Se alguém parasse para dar uma olhada mais de perto, os Osseiros teriam problemas sérios – embora Alex duvidasse que não pudessem pagar para se safar do que quer que fosse.

Ela procuraria saber de Reyes assim que ele estivesse de volta ao hospital, depois de novo em uma semana para se certificar de que a recuperação corria sem complicações. Já tinham acontecido mortes depois de prognosticações, embora apenas uma desde que a Lethe fora fundada, em 1898, para monitorar as sociedades. Um grupo de Osseiros tinha matado acidentalmente um mendigo durante uma leitura de emergência feita às pressas depois da quebra da Bolsa em 1929. As prognosticações ficaram proibidas pelos quatro anos seguintes, e a Ossos fora ameaçada de perder a imensa tumba de pedra vermelha na rua High.

— É por isso que existimos — dissera Darlington, enquanto Alex virava as páginas com os nomes de cada *victima* e a data da prognosticação nos registros da Lethe. — Somos os pastores, Stern.

Mas ele tinha se encolhido quando Alex apontara para uma inscrição em uma das margens de *Lethe: um legado*.

— SMVM?

— Sem mais vagabundos mortos — ele dissera, com um suspiro.

Que nobre missão da Casa Lethe. Ainda assim, Alex não conseguia sentir-se muito superior naquela noite, não quando estivera a segundos de abandonar Michael Reyes e salvar a própria pele.

Alex aguentou uma longa sequência de piadas sobre o retorno do seu jantar, que era frango grelhado e guloseimas doces, e ficou na sala de operações para certificar-se de que os Osseiros seguiam o que ela esperava ser o procedimento apropriado para higienizar o local.

Prometeu a si mesma que voltaria mais tarde para salpicar a sala com pó de ossos. Lembranças da morte eram a melhor maneira de manter os Cinzentos afastados. Era por isso que cemitérios estavam entre os locais menos assombrados do mundo. Pensou nas bocas abertas dos fantasmas, aquele zumbido horrível de insetos. Algo tentara abrir caminho pelo círculo de giz. Ao menos era o que tinha parecido. Cinzentos – fantasmas – eram inofensivos. A maior parte deles. Custava-lhes muito assumir uma forma no mundo mortal. E passar pelo Véu final? Tornar-se

físico, capaz de tocar? Capaz de causar danos? Eles podiam. Alex sabia que eles podiam. Mas beirava o impossível.

Mesmo assim, houvera centenas de prognosticações naquela sala e ela jamais ouvira falar de um Cinzento cruzando para a forma física ou interferindo. Por que o comportamento deles tinha mudado naquela noite?

Se é que tinha mudado.

O maior presente que a Lethe dera a Alex não fora a bolsa para Yale, o recomeço que havia limpado seu passado como uma queimadura química. Mas sim o conhecimento, a certeza de que as coisas que ela via eram reais e sempre haviam sido. Mas ela vivera tempo demais perguntando a si mesma se era louca para parar agora. Darlington teria acreditado nela. Sempre acreditara. Mas Darlington tinha sumido.

Não para sempre, pensou. Em uma semana a lua nova surgiria e ele seria trazido de volta para casa.

Alex tocou o parapeito rachado, já pensando em como descrever a prognosticação nos registros da Casa Lethe. O reitor Sandow revisava todos eles, e ela não queria chamar a atenção dele para nada além do comum. Além do mais, se você não levasse em conta um homem indefeso tendo suas entranhas rearranjadas, nada de ruim tinha de fato acontecido.

Quando Alex surgiu da passagem para o corredor, Tripp Helmuth se sobressaltou em seu desleixo.

— Estão quase acabando lá?

Alex assentiu e respirou fundo o ar comparativamente fresco, ansiosa para chegar lá fora.

— Bem nojento, não? — perguntou Tripp com um sorriso afetado. — Se quiser posso passar para você algumas das dicas, quando elas forem transcritas. Reduzir a pressão daqueles empréstimos estudantis.

— Que porra você sabe sobre empréstimos estudantis?

As palavras saíram antes que ela pudesse impedi-las. Darlington não as teria aprovado. Alex deveria se manter civil, distante, diplomática. E, de qualquer modo, ela era uma hipócrita. A Lethe certificara-se de que Alex se graduaria sem uma nuvem de débito pairando sobre ela – se de fato conseguisse atravessar quatro anos de provas, relatórios e noites como aquela.

Tripp levantou as mãos como que em rendição, rindo incomodado.

— Ei, estou apenas tentando me virar.

Tripp estava na equipe de vela, um Osseiro de terceira geração, um cavalheiro e um acadêmico, um golden retriever de raça pura – pateta, lustroso e caro. Era desgrenhado e rosado como um bebê saudável, o cabelo louro-escuro, a pele ainda bronzada de qualquer que fosse a ilha em que passara o recesso de inverno. Tinha a tranquilidade de quem sempre estivera e sempre estaria *bem*, um rapaz de mil segundas chances.

— Estamos de boa? — ele perguntou, ansioso.

— Estamos de boa — ela disse, embora não estivesse nem um pouco de boa. Ainda podia sentir as reverberações daquele gemido zumbido enchendo seus pulmões, chacoalhando dentro de seu crânio. — Só está abafado lá dentro.

— Não é? — disse Tripp, querendo ser gentil. — Talvez ficar preso aqui fora a noite toda não seja tão ruim. — Ele não parecia muito convencido do que fazia.

— O que aconteceu com seu braço? — Alex podia ver parte de um curativo por baixo do casaco de Tripp.

Ele arregaçou a manga, revelando um pedaço de celofane engordurado preso no interior do antebraço.

— Vários de nós fizemos tatuagens hoje.

Alex olhou mais de perto: um buldogue empertigado saindo de um grande Y azul. O equivalente dos rapazes de “melhores amigas para sempre!”.

— Bacana — ela mentiu.

— E você, tem algum rabisco?

Os olhos sonolentos dele passaram por ela, tentando retirar as camadas de inverno, igualzinho a um daqueles perdedores que andavam pelo Marco Zero, os dedos roçando a clavícula e os bíceps dela, traçando as formas ali. *E aí, o que significa esta daqui?*

— Não. Não é minha praia. — Alex enrolou o cachecol no pescoço.

— Amanhã vou ao hospital verificar como Reyes está.

— Hein? Ah, certo. Bom. Onde está o Darlington, aliás? Ele já empurrou os trabalhos de merda pra você?

Tripp tolerava Alex, tentava ser amigável com ela porque queria afagos de todos que encontrava, mas de Darlington ele gostava genuinamente.

— Espanha — ela disse, conforme fora instruída a dizer.

— Legal. Diga *buenos días* a ele.

Se Alex pudesse dizer qualquer coisa a Darlington, seria: “volte”. Ela teria dito em inglês e também em espanhol. E teria usado o imperativo.

— *Adiós* — ela disse a Tripp. — Aproveite a festa.

Assim que saiu do prédio, Alex arrancou as luvas e desembrulhou dois doces grudentos de gengibre, enfiando-os na boca. Estava cansada de pensar em Darlington, mas o cheiro e o calor que o gengibre criava no fundo da garganta o traziam ainda mais à vida. Viu o longo corpo dele esparramado diante da grande lareira de pedra em Black Elm. Ele tinha tirado as botas, deixado as meias para secar na lareira. Estava deitado de costas, de olhos fechados, os braços dobrados sob a cabeça, os dedos dos pés se remexendo no ritmo da música que flutuava no cômodo, algo clássico que Alex não conhecia, um som denso com trompetes franceses que deixavam enfáticos crescentes no ar.

Alex estava no chão ao lado dele, os braços enlaçados nos joelhos, as costas apoiadas contra a base de um sofá velho, tentando parecer relaxada e parar de olhar para os pés dele. Eles pareciam tão *nus*. Ele tinha enrolado o jeans preto para cima, deixando a parte úmida longe da pele, e aqueles pés esguios e brancos, com penugem sobre os dedos, faziam com que ela se sentisse um pouco obscena, como um pervertido de antigamente, enlouquecido com o vislumbre de um tornozelo.

Vá se foder, Darlington. Ela enfiou de novo as luvas.

Por um momento, ficou paralisada. Deveria voltar para a Casa Lethe e escrever seu relatório para que o reitor Sandow o revisasse, mas o que realmente queria era se jogar no estreito beliche do quarto que dividia com Mercy e dormir tudo o que pudesse antes da aula. Àquela hora, não precisaria inventar desculpas para as colegas de quarto curiosas. Mas, se dormisse na Lethe, Mercy e Lauren implorariam para saber onde e com quem ela tinha passado a noite.

Darlington tinha sugerido inventar um namorado para justificar as longas ausências e as vezes que voltasse tarde da noite.

— Se fizer isso, em algum momento terei que produzir um humano em forma de rapaz para me olhar com adoração — Alex respondera, frustrada. — Como você se safou disso nos últimos três anos?

Darlington apenas dera de ombros.

— Meus colegas de quarto achavam que eu era pegador.

Se os olhos de Alex tivessem se revirado mais na cabeça, ela teria enxergado seu cérebro.

— Tá certo, tá certo. Eu disse a eles que estava em uma banda com uns caras da UConn e que tocávamos bastante fora.

— Você pelo menos toca algum instrumento?

— Claro.

Violoncelo, baixo vertical, violão, piano e um instrumento de cordas árabe chamado oud.

Com sorte, Mercy estaria dormindo quando Alex voltasse ao quarto, e ela poderia se esgueirar para dentro, pegar suas coisas de banho e andar até o fim do corredor sem ser notada. Seria complicado. Mexer com o Véu entre este mundo e o próximo sempre deixava um fedor entranhado, uma mistura do crepitar elétrico de ozônio após uma tempestade com a podridão de uma abóbora esquecida num parapeito de janela. A primeira vez que cometera o erro de voltar para o dormitório sem tomar banho, tivera de mentir dizendo ter escorregado em uma pilha de lixo. Mercy e Lauren riram daquilo por semanas.

Alex pensou no chuveiro encardido que esperava por ela no dormitório... em seguida se viu afundando na enorme banheira antiga, com pés em forma de garra, no banheiro impecável de Il Bastone, a cama com dossel tão alta que ela precisava dar um impulso para subir. A Lethe supostamente tinha casas seguras e outros esconderijos por todo o campus de Yale, mas as duas a que Alex fora apresentada eram a Gaiola e Il Bastone. A Gaiola era mais perto do dormitório de Alex e da maioria de suas aulas, mas não passava de um conjunto de cômodos surrados e aconchegantes sobre uma loja de roupas, sempre abastecida com sacos de batatas fritas e com as barras de proteína de Darlington, um lugar para fazer uma pausa e tirar um cochilo rápido no sofá de molas detonado. Il Bastone era especial: uma mansão de três andares, a quase um quilômetro e meio do coração do campus, que servia como principal sede da Lethe. Oculus estaria esperando ali naquela noite, as luzes acesas, com uma bandeja de chá, conhaque e sanduíches. Era a tradição, mesmo que Alex não aparecesse para aproveitar nada daquilo. Mas o preço de todo aquele luxo seria lidar com Oculus, e ela simplesmente não podia aguentar os silêncios e a mandíbula travada de Dawes naquela noite. Melhor voltar ao dormitório com o fedor do trabalho da noite ainda nela.

Alex atravessou a rua e cortou caminho pela rotatória. Era difícil não ficar olhando para trás, pensando nos Cinzentos na beira do círculo com as bocas escancaradas, poços negros zumbindo aquele som baixo de inseto. O que teria acontecido se o parapeito tivesse quebrado, se o círculo de giz não tivesse aguentado? O que os tinha provocado? Ela teria tido a força ou o conhecimento necessários para segurá-los? *Pasa punto, pasa mundo.*

Alex apertou o casaco em torno de si, enfiando o rosto no cachecol, a respiração úmida contra a lã, passando apressada pela Biblioteca Beinecke.

— Se você ficar trancada ali durante um incêndio, todo o oxigênio é sugado — Lauren tinha dito. — Para proteger os livros.

Alex sabia que aquilo era besteira. Darlington havia lhe dito isso. Ele conhecia a verdade do prédio, todas as suas fachadas, sabia que fora construído de acordo com o ideal platônico (o prédio era um templo), com as mesmas proporções usadas por alguns tipógrafos para suas páginas (o prédio era um livro), que seu mármore fora extraído em Vermont (o prédio era um monumento). A entrada fora feita de modo que admitisse apenas uma pessoa por vez, passando pela porta giratória como um suplicante. Ela se lembrava de Darlington vestindo as luvas brancas usadas para manejar manuscritos raros, os dedos longos pousados com reverência sobre a página. Do mesmo modo que Len manuseava dinheiro.

Havia um cômodo em Beinecke, escondido no... ela não conseguia lembrar em qual andar. E, mesmo se conseguisse, não teria ido até lá. Não tinha coragem de descer até o pátio, tocar a janela do jeito secreto e entrar no escuro. Aquele lugar tinha sido caro a Darlington. Não havia um local mais mágico. Não havia outro local no campus em que ela se sentisse mais como uma fraude.

Alex pegou o celular para ver as horas, esperando que não tivesse passado muito das três. Se pudesse estar na cama de banho tomado às quatro, ainda teria longas três horas e meia antes que precisasse estar acordada e de volta ao outro lado do campus para a aula de Espanhol. Essa era a conta que fazia toda noite, a todo momento. Quanto tempo tinha para tentar terminar o trabalho? Quanto tempo para descansar? Nunca conseguia fazer os números funcionarem. Estava apenas sobrevivendo,

forçando a barra, sempre um pouco abaixo da média, e o pânico se prendia a ela, seguindo seus passos.

Alex olhou para a tela brilhante e pragejou. Estava cheia de notificações. Tinha silenciado o telefone para a prognosticação e se esquecera de reativar o som.

As mensagens eram todas da mesma pessoa: Oculus, Pamela Dawes, a estudante de pós-graduação que mantinha as residências da Lethe e atuava como assistente de pesquisa. *Pammie*, embora apenas Darlington a chamasse assim.

“Ligue aqui.”

“Ligue aqui.”

“Ligue aqui.”

As mensagens tinham sido enviadas em intervalos exatos de quinze minutos. Ou Dawes seguia algum tipo de protocolo ou era ainda mais tensa do que Alex pensara.

Alex considerou apenas ignorar as mensagens. Mas era uma noite de quinta-feira, a noite em que as sociedades se encontravam, e aquilo significava que alguma merdinha tinha se transformado em algo pior. Até onde sabia, os idiotas metamorfoseadores da Cabeça de Lobo podiam ter se transformado em uma manada de búfalos e pisoteado um grupo de estudantes saindo da Branford.

Para se proteger do vento, foi para trás de uma das colunas que apoiavam o cubo da Beinecke e discou.

Dawes atendeu no primeiro toque.

— Oculus falando.

— Dante responde — disse Alex, sentindo-se uma idiota. Ela era Dante. Darlington era Virgílio. Era assim que a Lethe funcionava, até que Alex chegasse ao último ano e assumisse o título de Virgílio para treinar um calouro. Ela tinha assentido e replicado o sorrisinho de Darlington quando ele lhe dissera os nomes em código – aos quais ele se referia como “cargos” –, fingindo ter entendido a piada. Mais tarde, foi pesquisá-los e descobriu que Virgílio era o guia de Dante em sua descida ao inferno. Mais humor da Casa Lethe desperdiçado com ela.

— Há um corpo no Payne Whitney — disse Dawes. — Centurião está no local.

— Um corpo... — repetiu Alex, imaginando se a fadiga danificara sua capacidade de entender o discurso básico humano.

— Sim.

— Tipo um corpo morto?

— Si-im. — Dawes claramente tentava parecer calma, mas perdeu o fôlego, transformando a única sílaba em um soluço musical.

Alex pressionou o corpo contra a coluna, o frio da pedra se infiltrando no casaco, e sentiu uma estocada de adrenalina raivosa crescendo dentro de si.

Está zoando comigo? Era o que gostaria de perguntar. Era o que aquilo parecia. Ser sacaneada. Ser a criança esquisita que falava sozinha, tão desesperada para ter amigos que concordou quando Sarah McKinney pediu: “Pode me encontrar no Tres Muchachos depois da escola? Quero ver se você consegue falar com a minha avó. Costumávamos ir muito lá, e eu sinto tanta falta dela”. A criança que ficou sozinha em frente ao restaurante mexicano mais merda na praça de alimentação mais merda no Valley, até precisar chamar a mãe e pedir que ela a buscasse porque ninguém tinha aparecido. Claro que ninguém tinha aparecido.

Isto é real, ela lembrou a si mesma. E Pamela Dawes era muitas coisas, mas não era uma babaca do estilo de Sarah McKinney.

O que significava que alguém tinha de fato morrido.

E ela precisava fazer algo sobre aquilo?

— Hum, foi um acidente?

— Possível homicídio — Dawes soou como se estivesse só esperando aquela pergunta.

— Certo — disse Alex, porque não tinha ideia do que mais dizer.

— Certo — Dawes respondeu desajeitadamente. Ela tinha dito a grande fala e agora estava pronta para sair do palco.

Alex desligou e ficou no silêncio sombrio e fustigado pelo vento da praça vazia. Tinha esquecido pelo menos a metade do que Darlington tentara lhe ensinar antes de desaparecer, mas ele definitivamente não tinha abordado assassinato.

Ela não sabia o motivo. Se iriam juntos para o inferno, assassinato parecia um bom lugar para começar.